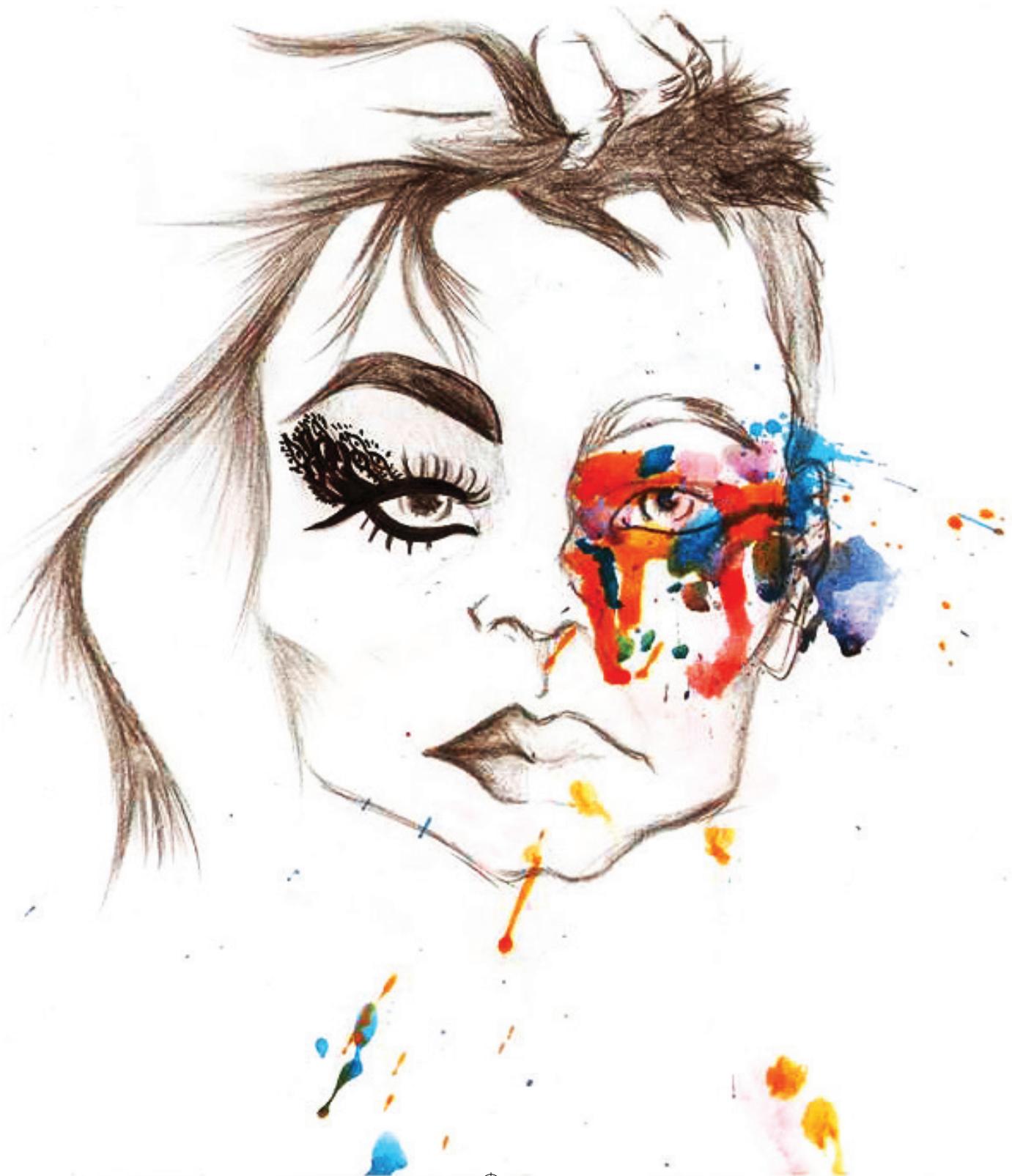


KYRIAL

7ª edição





KYRIAL

ISSN 1982 – 1085
ANO VII – Número 7
Novembro de 2014
revistakyrial@outlook.com

Edição e Redação

Jonas Oliveira
Mirian Heloise
Nayara Clemente
Viviane Vieira

Comissão Editorial

Joana de São Pedro
Maria de Fátima Silva Amarante
Maria Inês Ghilardi Lucena
Renata Altenfelder Garcia Gallo
Tereza de Moraes

Revisão

Renata Altenfelder Garcia Gallo
Tereza de Moraes

Capa

Wilson Wenceslau

Projeto Gráfico

Thaís Bristotti

Autores

Allan Sacheto
Alexandre Lopes
Aline Higa
Caio Coletti
Caroline Carvalho
Claudio Sgroi
Cristiano Martins
Cyntia Andretta
Emilio di Sant
Gabrielle Albiero
Gustavo Boldrini
Joana de São Pedro
Jonas Oliveira
Luana Silva
Luiza Judice
Maria Inês Ghilardi Lucena
Marina Zanaki
Pamela Mayara
Paula Montanari
Rafael Censon
Sarah Maria
Saulo Silva
Tainá Oliveira
Tereza de Moraes
Vinícios Ramalho

Artistas

Arima Rossi
Armando CJ
Carriero
Felipe Lima
Gabriela Benatti
Gustavo Araújo
Jediel Oliveira
Larissa Leite
Kasmirra Robaina
Máira Bortoleto
Thaís Bristotti
Thiarli Roldão
Wilian Kbeça
Wilson Wenceslau

Revista de literatura publicada pelos alunos da faculdade de Letras da PUC-Campinas, que hoje se encontra em sua edição número 7.

Kyrial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.

Tiragem de 150 exemplares.
Gráfica: Editora Pedro&João

EDITORIAL

É factual! Desde tempos imemoriais, a figura feminina ganha ares de musa. Sempre recorrente no âmbito das artes, na literatura, mais especificamente, sua presença é inexorável e constante. Os textos poéticos, dos quais as mulheres são fontes de inspiração, as transformam em vivas e complexas representações de si mesmas: pulsantes, intraduzíveis, multifacetadas, verdadeiras almas enfeitadas, humanamente, mulheres. Nesta edição, trazemos o gênero feminino e suas representações plurais como temática. Por meio da escrita poética e das ilustrações dos nossos colaboradores, a imagem feminina se faz presente, anuncia-se. Os modos de representação aqui publicados fizeram emergir da materialidade poética as imagens do perfil feminino cristalizadas no imaginário coletivo, uma vez que a escrita projeta as representações culturalmente e socialmente internalizadas ao longo da vida dos indivíduos.

Nesse sentido, intuimos que a temática adotada pelo corpo editorial da revista possa contribuir, não somente para o caráter literário da revista, mas para suscitar e evocar, por meio da linguagem poética, algumas reflexões, especialmente, acerca da figura feminina e das questões de gênero. A partir dessa concepção, é inequívoco afirmar que toda arte é essencialmente política, o que nos leva a pensar que seu princípio é despertar indagações e provocações. Partindo dessa premissa, os textos literários aqui publicados talvez comprovem tal princípio. Necessita-se, portanto, esclarecer que, embora alguns textos

não tenham o propósito ou a intenção de problematizar as questões de gênero referentes à figura feminina, os discursos produzidos podem ser encarados como agentes culturais e históricos, uma vez que materializam imagens culturalmente e socialmente construídas, portanto passíveis de interpretações, de atribuições de sentidos e de significados. Ainda que alguns dos textos não sigam fielmente a temática proposta, sua representatividade se mantém. Eles não são ofuscados, uma vez que a cadência de sentimentos dos autores se furtou da poesia para se expressar e nos brindar com a música de suas almas, fielmente materializada em versos. O corpo editorial da revista pretende, ao final da sua leitura, ser apresentado com o seu sorriso de satisfação. Que o prazer literário pinte nosso cotidiano com suspiros, questionamentos, reflexões, inquietações, satisfações e, quem sabe, com despretenhosas respostas acerca da nossa sociedade e das complexas questões e relações que a delineiam.



SUMÁRIO

Teus 70 anos	8
Maria	9
5 andares para a morte	11
O gênero feminino em canções brasileiras	12
Laços entre mulher e literatura: Remotos? Recentes? Eternos?.....	15
Venho	18
Rodeira	18
Parnasiana	18
Mil em Uma	20
Haikais	22
Vestígios de uma luxúria ilícita	24
Tempos de um feminino mais confortável?.....	25
A garota do quarto 7	27
Helenas	28
Arranha-Céu	29
Essências	30
Aos 10 anos fui apaixonado por uma puta	31
Sinfonia Cinza	32
Reencontro	33
Que haja som	34
O escultor de flores imaculadas	35
Mulheres	36
O ser mulher	37
Windowpane	39

TEUS 70 ANOS

Pamela Mayara

Hoje os ventos te adoram
As crianças por ti choram
De alegria por existires!
Tua alma linda e pura
Sem mácula, sem mancha
Branca como nuvens de algodão...
Teus cabelos tão alvos
Teus olhos meigos e claros
Purificam meu coração!
Acho em ti tudo o que é belo...
Tens no corpo marcas
Que o tempo deixou!
Tens na Terra um caminho
Segues nele com ou sem destino
Só Deus sabe para onde vais...
Mas no fundo um futuro certo
Mesmo em meio a um mundo incerto
Tens em ti os maiores sonhos...
Sou apaixonada por ti, ó guerreira!
Que na guerra sempre lutaste
Vives e lutas com um sorriso exposto
Um olhar purificador...
Fostes enviada pelos céus
Anjo meu, vida minha!
Tens meu amor eterno...
Meu espelho tem um número
70 se completa agora:
Mais um fim de uma aurora.
Não frequentastes escola alguma
Nunca escrevestes carta,
Mas me tocas cada manhã...
Nada brilha mais do que tua alma:
Tão linda, tão pura!
Só tu, minha querida!
Me amas cada dia mais...



MARIA

Tainá Oliveira

Pedi mais um conhaque barato, posto num copo sujo e o deixou queimar a garganta. Vidro batendo em madeira. Era a quinta dose da noite. Erguia as meias até as coxas, deixando um pouco menos que um feixe de pele à mostra. Ajeitou o cabelo, e saiu bar afora.

Maria Alexandre. Não Maria de dia. Não Alexandre pela noite. Só ela, moça curiosa, dentro do que lhe cabia ser. Assim, os lábios e as unhas rebocadas de vermelho, e no pé um rebolado brasileiro. Maria Alexandre era uma Maria como qualquer outra. Cheia dos detalhes. Gostava de se doar, e gostava de receber. Maria, 24 anos. Pouco mais de setenta e duas horas sem dormir. Havia se doado. E nada recebido.

Chorava no banheiro como chorava qualquer outra Maria, em outro qualquer canto da cidade. Chorava rímel escorrendo pela face, chorava ao som de Elvis. Chorava por gostar de ver no outro seu próprio corpo reluzindo. E por não ter visto coisa alguma. Maria Alexandre gostava, como qualquer outra moça da idade, e até mesmo um pouco mais, de receber flores. De receber flores com um bilhete de alguém, para o qual se doou. Maria gostava de abraços fortes, e perfumes fracos. Quarto cor-de-rosa e papel de carta. Gostava de amar os corpos. E amava corpos de outras Marias.

Maria Alexandre gostava de outras Marias, não por ser Alexandre. De Alexandre só tinha mesmo a grandiosidade de ser, que era tamanha, que não cabia mais em seu armário. Gostava não por escolha, não por capricho. Não por ter tomado conhaques em copos sujos. Ou por não ter encontrado o Alexandre certo, que lhe fizesse vestir sua camisa. Gostava de outras Marias, não por ser feminista, ou por ouvir A Quadrilha quando era pequena. Não por faltar bons moços naquela época, ou por ter certa vez jogado futebol com os meninos lá da rua. Maria, mesmo sendo só Maria, gostava de outras Marias também.

Outro dia, noutro bar, Maria encheu a cara. Bebeu até não poder mais e, quanto mais bebia, mais ficava sóbria. E por acharem que estava bêbada, diziam sobre Maria. E na sua

sobriedade amarga, Maria via homens matando, mulheres morrendo. E não deixou de ser uma Maria. Nem de gostar de outras. Ao contrário do que se diziam lá no bar, Maria não queria dominar a arte de urinar em pé, também nunca quis ter uma reservista. Ela queria era poder sair por aí sem ter que se esconder. Maria me dizia que sempre que saía de casa, carregava a si própria na bolsa. Assim, só num bilhete ou outro com cheiro do perfume da namorada. Maria queria espiar o mundo. E ser vista de volta. Todo dia lá na rua era assim, Maria passava às quatro e quinze. E pessoal logo ia comentando baixinho “essa aí Deus não aprova”. Maria Alexandre, que era rejeitada por Deus, implorava baixinho pra que seu santo afastasse aquele conjunto de ‘mal-me-quer’. Maria era de amar. Maria era de amor.

Teve um dia que Maria passou por mim e não voltou mais. No outro dia, deu no noticiário que a mãe de Jesus Cristo perdia mais uma homenagem. Acharam Maria. O que era seu corpo e só. Cortado em sete partes, com o copo de conhaque que ela bebera. Maria que morrera sóbria. Não se doou. Foi invadida como outras tantas por aí. Fizeram-na se esconder mais uma vez, e para sempre. Maria que me contou por esses dias que queria morrer de amores, morreu foi por amar.



CINCO ANDARES PARA A MORTE

Gabrielle Albiero

No meio da queda, ela calculou que ainda faltavam cinco andares para a morte. Estranhariam a notícia no dia seguinte. Os professores do primário evocariam a imagem da menina sorridente que fora. Mas a ninguém seria contado sobre os passos do lado de lá do fim. A ninguém seria contado, sobretudo, sobre o sorriso de outrora ou sobre a menina que fora. Porque era uma época em que as bocas diziam ruídos, em que os ouvidos ruíam e o humano abandonara os corpos agora ociosos.

Deveriam, na semana seguinte - quando o pouco tempo esfriasse na pele dos outros a lembrança da existência da morte, quando esse mesmo tempo ainda não esfriara sequer o corpo da morta - enumerariam os motivos de tão trágica decisão. Ninguém sabia dizer porque enloquecera. Ninguém saberia que não havia lá grandes motivos. Acontecera que numa manhã de quarta-feira a menina saiu na varanda do décimo-segundo andar. E, muito lúcida, percebeu que o medo que sempre tivera da altura, que deixava suas mãos suadas e frias, era o disfarce da grande vontade que tinha de pular. E mais: percebera que o mundo a queria naquele solo, e a chamava, e a tragava. E era inútil ignorar de onde viera, e para onde iria: o pó. Que é o fim daqueles moldados em lama por um criador que se ausentou de sua criação logo depois de tê-la

denominado perfeita.

A gravidade, que tanto aprendera nas aulas de física, da qual sempre ouvira sua avó reclamar, pareceu-lhe maior e simples quando pensara que era este o segredo dos mortos. Força é igual massa vezes gravidade. E do décimo segundo andar, a menina, magra e pálida, nunca parecerá tão forte. Disso, ninguém saberia.

Muito menos que no meio da queda, quando calculara que ainda faltavam cinco andares para a morte. Aquela menina esquecida, que a morte faria lembrar aos outros até torná-la esquecida para sempre, lembrou do primeiro dia que viu o mar. Ela era ainda muito criança, acabara de aprender a andar e por mais que tivesse gostado do sorveteiro, do azul, das gaivotas, da água infindável e em movimento, o que mais a impressionou foi a descoberta de que a areia sujava os pés. Depois entrou no mar. Ao sair, a areia tornou a sujá-la. Já em casa, depois de um longo banho, ela percebeu que restara três grãos de areia entre os dedos do pé. Sem entender o motivo, ela se sentiu absolvida de todos os pecados que iria cometer.

Aos seis anos, retornou à praia, e percebeu, depois de muito observar, que o mar também era feito de grãos de areia dos quais não se libertaria jamais. E que os grãos de areia eram feitos do mar e, ainda sim, eram livres para dançar com o vento. A menina

sorriu, ao perceber que participou dessa dança desde muito pequena. Desde a primeira vez que vira o mar? Não...não. Desde o útero da mãe! Ela era um grão de areia que crescera no mar e nasceu apenas para dançar com o vento. Esse mesmo vento que agora, no primeiro andar, ela sentia no rosto. Ela era infinita. Ao se matar, matara a morte. Então menina sorriu. O porteiro achou infame e nunca esqueceria da imagem daquela morta sorridente. Mas ele nunca saberia...



O GÊNERO FEMININO EM CANÇÕES BRASILEIRAS

Maria Inês Gbilardi Lucena

A música deixa linguagem ser linguagem.

Celso Garcia de Araújo Ramalho

Nos últimos anos, as pesquisas sobre gênero e sexualidade têm aumentado em diversas áreas do conhecimento: medicina, psiquiatria, psicanálise e ciências sociais, com ênfase na sociologia e na antropologia social, muito provavelmente, devido à constatação de que, ainda hoje, homens e mulheres ocupam diferentes lugares na sociedade. Há, também, o fato de que os sujeitos do mundo contemporâneo estão em crise de identidade.

Para analisar representações de gênero social e contribuir para o conhecimento das formas de opressão sofridas pelas mulheres, bem como de suas transformações, estudamos² o discurso (lírico musical) de canções brasileiras, desde o início do século XX até a atualidade. Há nele, representações do imaginário coletivo sobre a figura feminina, na voz especial de seus compositores, cantores e personagens masculinos e femininos. É um discurso carregado de emoção, à semelhança do literário, destinado ao entretenimento e sem compromisso com as questões da “verdade”, com liberdade para dizer – mais do que outros tipos de discurso –, e que revela o rumo dos acontecimentos reais do mundo ali representado.

Durante séculos, as mulheres foram oprimidas pelos homens e, por mais que a situação esteja mudando, sobretudo nas sociedades ocidentais, os vestígios da submissão ficam presentes na memória coletiva e individual. Assim, as letras das canções demonstram como as representações se relacionam com a linguagem, a história, a ideologia, a sociedade e como a linguagem formula tais representações. Houve alteração nas formas de representação do feminino

nas canções, mas não o desejável para uma sociedade igualitária. Não cabe, aqui, a análise das letras das canções, nem de trechos significativos, apenas nos reportamos a algumas das conclusões a que chegamos.

Na década de 1930, as mulheres foram silenciadas em vários aspectos da vida social, nos relacionamentos amorosos, nas decisões familiares ou no campo do trabalho. As canções da época revelam formas de sufocar seus anseios, sonhos e a vida fora do lar, como em *Pra que mentir?*, de Vadico e Noel Rosa, de 1934, em que um homem acusa a mulher de traidora e mentirosa. Muito conhecida do público brasileiro, *Ai, que saudades da Amélia* (1942), de Mário Lago e Aaulfo Alves, tornou-se canção símbolo de um tipo de mulher que ultrapassou seu tempo, como o exemplo de submissão, o tipo serviçal, doméstica, que faz de tudo para agradar ao (seu) homem. A “Amélia” hoje é símbolo de mulher submissa e resignada. A canção tem um locutor masculino que relata, com a espontaneidade de quem se sente à vontade em dizer o que diz, que a mulher ideal é(era) a Amélia, pois “Amélia não tinha a menor vaidade / Amélia que era a mulher de verdade”. O sonho masculino, na época, era viver ao lado de uma companheira que aceitasse o que ele poderia lhe oferecer, mesmo sendo pouco, que suportasse com resignação passar fome e, conformada, o consolasse e apoiasse, em qualquer situação das intempéries da vida.

A canção ou o texto é somente “uma peça de linguagem de um processo discursivo mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 72). O discurso “machista” do homem que considera que a mulher está a seu serviço, para agradá-lo, sem questionar e sem pensar em seus próprios sentimentos, era recorrente e dava conta da ideologia das sociedades patriarcais, em cuja origem está o pensamento de superioridade masculina. As palavras poderiam ser outras, mas foram estas: “Ai meu Deus que saudade da Amélia / Aquilo sim que era mulher”. Ao chamar a mulher de “aquilo”, ele a coisificou; é a reificação como figurativização do pensamento masculino típico dos anos quarenta.

É claro que o contexto histórico e social fornece os parâmetros para a interpretação do que foi dito. Os sentidos não nasceram ali, naquele texto, mas vêm de outros lugares, de outras épocas e são contruídos na memória discursiva. Tudo o que a sociedade disse e diz significa e re-significa a cada momento em que se repetem os dizeres. O patriarcalismo, no entanto, vem sendo questionado,

seja em canções, como as de Rita Lee, como com ações e visões que valorizam a figura feminina, em outros lugares sociais. Alguns compositores deram voz às mulheres nas canções, como Caetano Veloso e Chico Buarque, desde a década de 1980, sobretudo. Os sentidos são produzidos e circulam, hoje, de forma a marcar um novo tempo, mesmo com resquícios da sociedade do início do século passado. A Amélias estão, cada vez mais, protestando contra a desigualdade de gênero.

Embora tenha havido diferenças entre as representações do perfil feminino, nas décadas do século XX e início do XXI, os momentos de retorno à ideologia da sociedade paternalista e de desvalorização das mulheres permanece em alguns trechos de canções mais recentes, pois a questão da dominação/submissão está cristalizada no inconsciente dos sujeitos. É a história dos sentidos do discurso sobre o feminino determinando modos de interpretação ora em favor, ora contra a emancipação feminina.

Como não falar de *Maria, Maria* (1978), de Milton Nascimento e Fernando Brant, uma homenagem a tantas Marias, a tantas mulheres:

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

A figura feminina foi representada de muitas formas, nas canções, e o sentido que procuramos compreender na materialidade linguística não está nas palavras, “não está fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica” (ORLANDI, 2012, p. 27).

Em 2012, após as transformações sociais de que falamos, especialmente nas questões de gênero, chama nossa atenção a canção *Esse cara sou eu*, de Roberto Carlos, conhecido por cantar (e compor sobre) o amor. Um hino ao amor e à amada:

O cara que pensa em você toda hora
Que conta os segundos se você demora
Que está todo o tempo querendo te ver
Porque já não sabe ficar sem você

E no meio da noite te chama
Pra dizer que te ama
Esse cara sou eu

Os sentidos das histórias de amor e paixão do passado permanecem e se renovam na letra dessa canção. A ideologia da submissão feminina fica quase imperceptível ao leitor despercebido, embora o tom de valorização feminina seja marcante e até paradoxal. O homem esbanja gentileza e carinho à amada, no entanto, a interpretação de alguns versos nos leva a pressupor que as mulheres desejam um herói que faça tudo por elas. Essas, então, não seriam as mulheres lutadoras pela igualdade de gêneros, já que almejam receber do companheiro as homenagens devidas ao sexo frágil do passado:

“O cara que pega você pelo braço
Esbarra em quem for que interrompa seus passos
Está do seu lado pro que der e vier/
O herói esperado por toda mulher”.

Quase que propondo uma inversão dos papéis tradicionais, o homem se submete às vontades da mulher, satisfaz seus desejos, se esmera em gentilezas e afeto, ao estilo do século XX, por amor. Mas o século é outro: XXI. A diferença é que, agora, ambos sabem que as relações de gênero se transformaram, que as mulheres trabalham fora, ocupam cargos de gerência, direção e, também, podem viver com mais independência e direitos do que antigamente, sendo respeitadas.

As letras das canções que analisamos mostram modelos estereotipados de gênero, que são condicionamentos sociais aprendidos, presentes na memória coletiva, e continuamente reforçados pelo convívio social. Ora temos a mulher submissa, companheira do homem machista, ora a mulher emancipada, dona de si e crítica do machismo de outrora. A reflexão sobre as canções – da mesma forma que ocorre em outros tipos de discurso da época – nos possibilitou concluir que, ao longo das décadas, as (representações das) relações sociais foram se transformando e (retratando/) produzindo mudanças nos papéis sociais de homens e mulheres. Estas conquistaram, no mínimo, o poder de voz.

1 Docente e pesquisadora da Faculdade de Letras do CLC, da PUC-Campinas.
2 Pesquisa “Representações do gênero feminino no discurso da música brasileira” realizada em 2012 e 2013, com participação de três alunos de Iniciação Científica: Miresnei Bomfim de Oliveira, Caroline de Sousa Carvalho e Mirian Heloíse Pereira da Silva.



LAÇOS ENTRE MULHER E LITERATURA: REMOTOS? RECENTES? ETERNOS?

Tereza de Moraes

O Brasil foi descoberto em 1500 e estamos em 2014. Infindáveis reflexões sobre quem foram e como viveram as mulheres nestes 514 anos de história brasileira povoam o nosso imaginário. Como viveram durante o longo período de colonização, durante o império, durante a república? Quais eram seus desejos, seus sonhos, suas expectativas? Que palavras não foram ditas, escritas, ouvidas? Quem eram essas mulheres cujas vidas podem nos desvelar a realidade do país? Ainda estamos buscando respostas para os nossos questionamentos, mas algumas verdades já vieram à tona e contribuem para a melhor compreensão do papel da mulher na formação da sociedade brasileira.

Em 1997 foi publicada a História das mulheres no Brasil, livro que procura envolver os leitores numa viagem através dos tempos, fazendo-os ver, ouvir e sentir como nasceram, viveram e morreram as mulheres, no mundo que as cercava, do Brasil colonial aos nossos dias. (1) Na comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil foi publicado o Dicionário das Mulheres do Brasil, que reúne, em cerca de 900 verbetes biográficos e temáticos, dados pessoais, fatos e processos sociais relativos às mulheres, muitos deles ainda inéditos na historiografia. (2)

Após edições como essas, quando muitas questões foram elucidadas, as contribuições históricas, políticas, sociais, culturais decorrentes desses estudos muito contribuíram para esclarecer a relação entre a mulher e a produção artística, especialmente a produção literária, nosso alvo de maior interesse. Pudemos, então, constatar que essa parceria é bastante antiga e que mulheres pioneiras, que não constavam das antologias literárias oficiais, já escreviam, apesar das adversidades enfrentadas, especialmente aquela denunciada por Virginia Woolf, pois muitas delas não possuíam condições espaciais necessárias para exercerem o ofício da escritura. (3)

Uma participação feminina efetiva que podemos destacar no século XIX é a de Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, nascida no Rio Grande do Norte. Em 1832, com vinte anos de idade, publi-

ca Direito das mulheres e injustiça dos homens, expondo idéias para enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira e reivindicar igualdade e educação para as mulheres. Outras mulheres de sua época, acatando as suas idéias também fizeram ouvir a sua voz, como Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, que escreve Ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação.

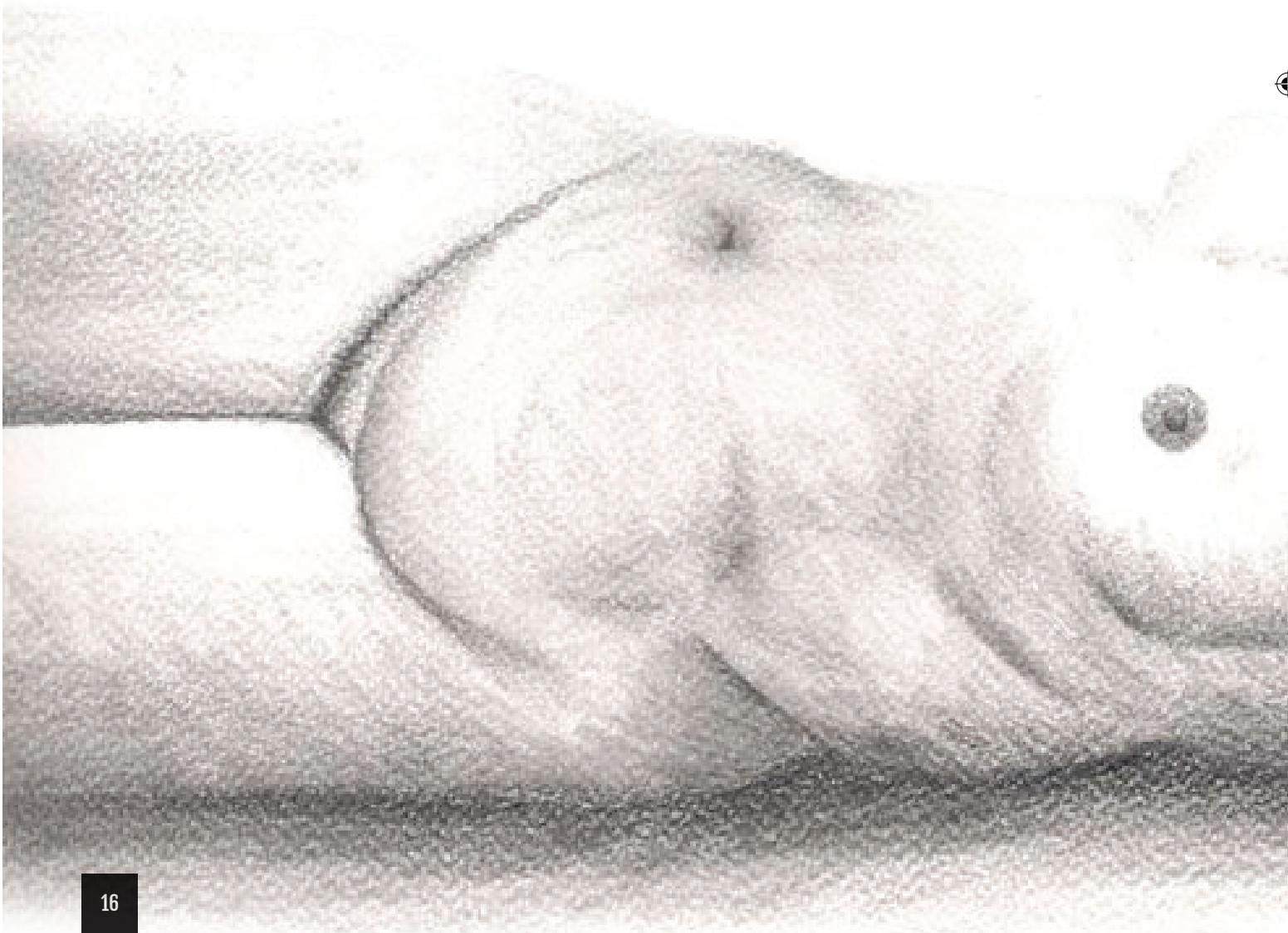
Data de 1859 o romance Úrsula, considerado o primeiro romance de uma autora brasileira: Maria Firmina dos Reis, que participou da vida intelectual maranhense colaborando na imprensa local, publicando livros, escrevendo em antologias. Também foi música e compositora. Dentro do projeto romântico destaca-se a poetisa Narcisa Amália de Campos (1852-1924). O contexto histórico do romantismo favorece os ideais libertários da abolição, da república, da democracia, bastante apreciados nos poetas das diferentes gerações românticas. No entanto, se as investidas libertárias dos moços eram toleradas e aceitáveis, o mesmo não acontecia com os arroubos de liberdade das moças e Narcisa Amália, que se dedicou à independência e ao feminino, à liberdade educacional e artística da mulher, apesar de se tornar famosa no país inteiro, recebeu severas críticas por se dedicar aos ideais liberais.

As mulheres do século XIX estavam excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência, do acesso à educação superior, restando a elas ficarem fechadas dentro de casas. Excluídas do processo de criação cultural, sujeitas à autoridade masculina, para poderem tornar-se criadoras, teriam de destruir o anjo do lar e enfrentar o monstro da rebeldia ou da desobediência. É o que se pode constatar nas produções da escritora e jornalista Julia Lopes de Almeida e Ana Lisboa dos Guimarães Peixoto Bastos, a extraordinária Cora Coralina. A contemporânea Lygia Fagundes Telles refere-se aos “cadernos-goiabada”, que representam um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício de homem. (4)

No final do século XIX, a despeito de muitas vozes contrárias, o mito da fragilidade feminina, da incapacidade física ou mental da mulher ainda se faz presente. Felizmente, algumas vozes fortes combateram esse mito, como demonstra a produção de Maria Benedicta Câmara Bormann (1853-1895) que, com o pseudônimo de Délia, aborda a necessidade de uma educação para a vida e do conhecimento da própria sexualidade. Além dela, Júlia Lopes de Almeida

(1862-1934), jornalista e autora de livros de sucesso, ganhou fama e talvez tenha sido a única escritora do período a conseguir dinheiro com sua arte.

No Brasil contemporâneo, a inegável emergência do diferente, das vozes divergentes, a descoberta da alteridade ou do Outro, quase sempre sufocadas ou oprimidas pelo sistema de valores dominantes, desperta o crescente interesse pela produção literária das mulheres. A crítica, sem nenhuma intenção judicativa, busca descobrir o que é a narrativa de autoria feminina, como se constrói e por que trilha determinados caminhos. Surgem publicações decorrentes de importantes pesquisas sobre a narrativa feminina que contribuem decisivamente para a melhor compreensão do fenômeno. A par disto, as mulheres, liberadas da opressão do sistema, produzem obras significativas para representar o momento histórico. A professora Nelly Novaes Coelho reúne mais de trinta vozes em uma publicação de 1993, ampliando concretamente o universo das



mulheres escritoras do Brasil contemporâneo. (5) Muitas dessas autoras já receberam a consagração da crítica e são bastante conhecidas e muito bem aceitas pelos leitores, tais como: Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles, dentre outras.

No entanto, quando refazemos a trajetória das mulheres e das letras brasileiras e descobrimos os laços remotos e os recentes que as uniram, constatamos que o que se torna mais relevante é que, independentemente das possíveis diferenças de gênero, raça, condição social, condição econômica, formação acadêmica ou outras, elas não param de produzir; a cada momento uma nova voz vem somar-se às das antecessoras, levando-nos a crer que os laços entre a mulher e a literatura são realmente eternos, pois sempre houve, há e haverá almas sensíveis prontas a expressarem os seus olhares sobre o mundo.

Notas:

(1) Referimo-nos à obra organizada por Mary Del Priore, com a coordenação de textos de Carla Bassanezi, publicada pela Editora Contexto.

(2) O Dicionário Mulheres do Brasil é fruto do Projeto Mulher – 500 anos atrás dos panos, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, publicado pelo Editor Jorge Zahar.

(3) A escritora e crítica inglesa Virginia Woolf expõe sua teoria sobre a autoria feminina em Um teto todo seu, traduzido por Vera Ribeiro, publicado pela Nova Fronteira.

(4) Lygia chama de “cadernos-goiabada” aqueles onde as moças escreviam pensamentos e estados de alma.

(5) Trata-se da obra A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo, publicada pela Editora siciliano.



VENHO

Paula Montanari

Venho do sabor amargo d
e uma contradição,
Do barulho infernal
de pensamentos em turbilhão,
Do aroma fresco da juventude.
Dos mais doces venenos,
Dos ventos mais amenos,
Da leveza da alma em plenitude.
Venho da beleza do reflexo da lua,
Do contato com a pele nua e crua,
Das mesmas frases amiúde.
Dos versos em conjunto,
A falta total de assunto,
Sou o amor e a solitude.

RODEIRA

Emilio di Sant

Lá na curva do vento,
Se ouvia o assobio do tempo,
Que fazia ondas,
Onde só tinha açude de saudade,
E nele trazia a moça rodeira
Pintada da cor do sol
naquele açude de saudade
lá ele rodava a saia e,
No gira-gira,
De tanto girar,
Acabava por virar uma flor,
Que só espaiva amor e,
Por isso,
Caboclo maroto que sou,
Sigo a rodeira até
Aonde ela for.

PARNASIANA

Luana Silva

Eis meu parnasianismo por ti
Mulher que portas a beleza maior,
Fiz um culto à tua beleza
Em ato de devoção às santidades
Pelo fato de te criarem tão singular.

Nesse culto toquei em teus fartos seios,
E no fim da noite neles repousei.
E pela manhã nos desperta o uivo do vento.
Eis que te vejo, até mesmo Afrodite te invejaria.

Mal sabia Narciso que haveria em tempos vindouros
Uma mortal tão mais bela que ele
Sabes tu, mulher, que anjos
Do alto te contemplam como
A mais bela criação?

E eu, toda parnasiana,
Aprecio tuas curvas,
Toco teus lábios,
E me vejo refletida dentro de teus olhos
Após todos os deuses cessarem o sexo.



MIL EM UMA

Caio Coletti

E eles ainda ousavam dizer que ela não tinha a mesma beleza jovial de antes. Eram esses os rumores que ela ouvia, vindos das ruas mais malcuidadas daquela Londres febril que ela passara a conhecer como a palma de sua mão. Logo faria uma década desde que se mudara de Gênova para lá, dando prosseguimento à vida quase cigana que havia levado até então, mas dessa vez muito mais sozinha.

Aos 33 anos - idade que sustentava com orgulho -, ela já era uma autora reconhecida o bastante para ser alvo de fofocas. Dois anos antes havia contraído uma doença temidíssima de sua época, que havia deixado mais de um nobre britânico com cicatrizes horrendas no rosto - ela, por sua vez, havia saído ilesa. Se perguntassem aos dois poetas americanos que haviam lhe pedido em casamento recentemente, talvez os londrinos mais maldosos segurassem a língua sobre sua jovialidade.

Foi acordada de seus devaneios pelo barulho insuportável de um enorme relógio ao canto da sala onde estava. De mogno pesado e ostentando um mostrador amarelado pela força do tempo, aquele gigante incômodo denunciava que o editor com o qual deveria se encontrar estava vinte minutos atrasado.

Ela não suportava atrasos — é o que sempre dizia a seu filho, Percy: “Já me basta a inspiração, que chega a hora que bem entender. Meros seres humanos não deveriam se dar ao luxo dessa inconveniência”.

Olhou pela janela a visão de uma ponte inacabada, mais uma de tantas cruzando o poderoso rio daquela cidade frenética. Um milhão de barquinhos se acotovelavam para navegar por aquelas águas já meio sujas, trazendo todo o tipo de mercadoria que um magnata capitalista poderia querer. A Londres de 1830 não era exatamente o ambiente que ela escolheria para viver, mas a verdade é que não tinha sido exatamente uma escolha.

Desde a morte prematura de seu marido, outro escritor (que sorte fabulosa eles achavam ter tido por se encontrarem, e que ingenuidade ainda mais estúpida

havia permitido que eles achassem que aquela vida fosse durar), ela havia se mudado para o local onde seu sempre difícil ramo de atuação profissional lhe apresentava mais oportunidades. Agarrara cada serviço pago que encontrara, emprestando seu talento e seu nome para as coisas mais diversas: colunas de publicações femininas frívolas, traduções de obras estrangeiras, compilações de poemas de seu finado esposo, e até algumas novelas.

Com a ajuda relutante do ex-sogro, havia construído uma vida decente para Percy, e atendido ao desejo do seu pai de que ele frequentasse a educação pública. Logo ele entraria em idade universitária, e ela sabia que as contribuições do avô do menino não se tornariam mais substanciais, o que significava que ela precisava mais do que nunca de uma boa quantidade de dinheiro. Ajudar no tratamento de seu próprio pai, doente já há anos, não exatamente melhorava a sua situação financeira.

Ela suspirou. Ou seria melhor começar a se referir a “ela” no plural? As múltiplas preocupações, as múltiplas tarefas e as múltiplas personalidades que precisava mostrar ao mundo lhe vestiam como aquele traje de babados que ela sempre havia achado exagerado, mas que certamente impressionaria o editor. Propositalmente pomposa como estava naquela tarde, ela certamente se parecia com a figura mítica da escritora de mistério que havia lançado uma das obras mais marcantes do gênero só há 12 anos.

Em sua mente, porém, o tal plural era ainda mais decisivo para definir quem ela era. Lá, no quarto escuro e trancado da imaginação, “ela” não era mais presa nem mesmo por gênero. Ela podia ser “ele”, e “ele” podia ser um monstro, um cientista, um cirurgião, um coveiro, um grande herói romântico ou um maligno vilão de terror (ou qualquer coisa entre um e outro). Ela podia queimar castelos e morrer um milhão de vezes sem nunca parar de respirar. Ela podia viver um

amor eterno, ou algum outro igualmente sublime, mas que acabasse com tanta rapidez quanto o seu. Ela podia amar um filho incondicionalmente, e podia odiá-lo por ser a representação viva de um homem que havia a deixado à sua própria sorte, e cedo demais. Ela podia ter pernas para caminhar sozinha, mas também podia rastejar por não ser forte o bastante.

Em sua cabeça de escritora, nada disso era impossível, nada disso era aberrante, e principalmente, nada disso era vergonhoso. Pode ser que fosse uma forma de escapismo, mas ela acreditava que aquele lugar para onde ela ia ao se transformar em outro ser qualquer também era real. Tão real quanto aquele relógio maciço encostado na parede, quanto os trabalhadores se pendurando na ponte inacabada para que um dia ela ligasse dois lugares que antes não eram capazes de se comunicar.

Com tinta e papel, ela mesma havia construído uma ponte – e passava tão frequentemente de um lado para o outro dela que não fazia sentido dizer que era só ficção, porque ela não ficava devendo em nada à realidade.

A pequena porta na parede oposta à cadeira onde ela estava sentada se abriu. Um homem atarracado usando uma peruca de cachos brancos entrou, sorrindo diplomaticamente ao vê-la. Um tom cortês a cumprimentou enquanto ele se aproximava:

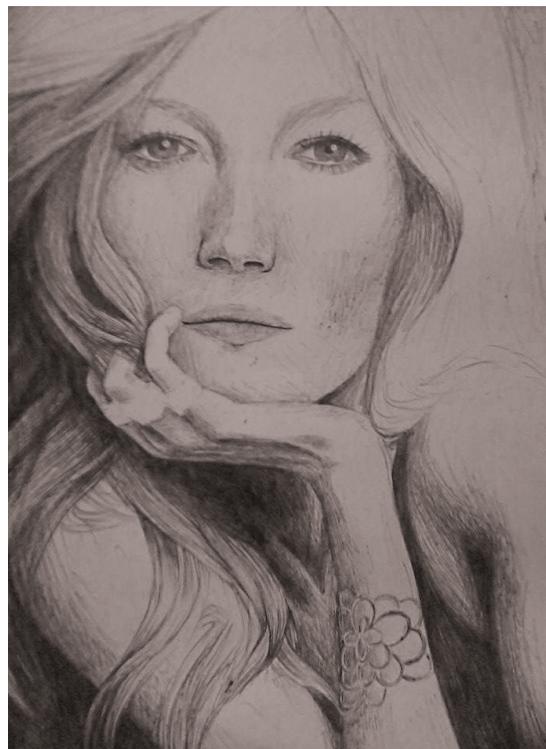
- Boa tarde, Lady Shelley. Vamos falar de negócios?

- Boa tarde, Lord Colburn. Certamente – ela respondeu, enquanto ele beijava-lhe a mão e levantava as sobrancelhas, sem dúvida reparando no extravagante vestido que ela usava.

Ela sorriu de volta para o editor enquanto eles se sentavam em lados opostos da mesinha do escritório, prestes a negociar os direitos de sua obra-maior por meras sessenta libras. Não se importava tanto assim com o valor. Era exatamente o quanto estava precisando, e não iria sentir saudades do Dr. Victor Von Frankenstein – ele viveria para sempre como um dos milhares de seres que povoavam sua prodigiosa mente.

“Cuidado; sou destemido, e, portanto, poderoso”

- Mary Shelley, Frankenstein



Girl
I'm a Girl
Nice to star a gifted life
In a swirl

Woman
Being a Woman
In curiosity and generosity
Devoted and human

Lady
See a Lady
Love immensely and
step intensely
Wisdom is fancy

Joana de São Pedro

Cabelos negros.
Tingiu o firmamento.
Bons sonhos.

Vermelho.
Teus lábios me atraem.
Aurora que se esvai.
Coração que bate.

Cristiano Martins

morri hoje;
depois do enterro,
fomos beber

Claudio Sgroi

I DO NOT KNOW
HILLARY SAID
ALL SHE SAID
SILVER SAID
YOU LOVE ME
WONT YOU LET ME
KNOW WHY YOU'VE GONE

MY LOVE
VIOLET
WHERE WE
KNOW
TIME
WAS
LL
IF
LOVE ME
LET ME
GONE

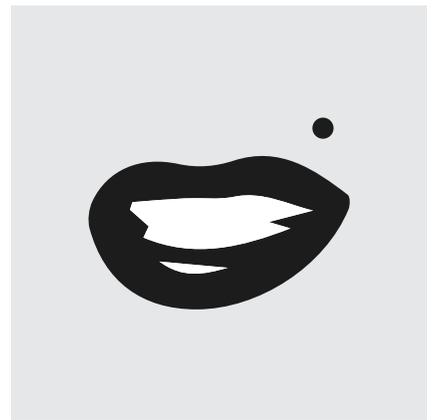


VESTÍGIOS DE UMA LUXÚRIA ILÍCITA

Aline Higa

Sob o céu de rosas e o descansar, os raios de sol resplandeciam
Os olhos enfeitiçados marejavam as límpidas lágrimas
Desolada em sentimentos obscuros
Prendia-me em emoções indecifráveis e túrbidas
Às almas afetuosas, a noite radiante
O contato com a pele macia
O olhar audacioso e apaixonante
Paixão que durava apenas nas noites de luxúria
Sobre a cadeira esqueceste o teu indício
Perfumada, a camisa exalava o aroma por toda a sala
Herança de teu amor, a fragrância Magno-lírico
Lembranças de quem esteve presente na noite passada
Lembro-me do momento lascivo e envolvente
Juntos tivemos uma noite voluptuosa
Dizia-me palavras afetivas e calorosas
Afeto irresistível que amparava os irreverentes
À cor sedutora e esbraseada, a noite silenciosa e cálida
Aqueciam-nos os lábios escarlates. No corpo, o frescor da brisa calma
Espalhadas sobre a cama, o intenso carmim de tuas rosas
Dum realce negro, minúcias da lingerie despiam
Deslizavam sobre a seda do purpúreo vestido, as mãos pálidas
As carícias, o ímpeto do ardor

Não evidenciávamos a delicadeza
Ardíamos dum devasso desejo, sentíamos o palpitar do coração
Agressivamente apreciávamos com fascínio e fervor
Descontrolei-me, desabotoei a camisa e perdi um botão
Na mesa de cabeceira, a vela apagada
Sobre a janela, o discreto luar
O perfume Rosa-mulher
A pureza dos lírios no escrínio
Soava a música clássica no acolher da noitada
Noite fria e sombria
Porventura notaríamos a chuva
A voz da ventania
A friagem da estação
Vivenciávamos a ardência apaixonante
Sensação intrínseca entre dois amantes
Quando houve a calma
Desfrutava de seus últimos afagos
Pela manhã deixaste uma rosa
A camisa perfumada e sem botão
Vestígios de nossa volúpia ilícita
Símbolos do encantamento e da traição
O aroma disperso
A luz que reluzia na varanda
A sonata que ainda ressoava
Paixão e angústia no ritmo beethoveniano
Em prantos, abandonaste-me
Esperançosa, ambicionava a promessa do amor eterno
Ingênua, cobiçava a beleza viril que tanto amava.



Tempos de um feminino mais confortável?

Cynthia Andretta

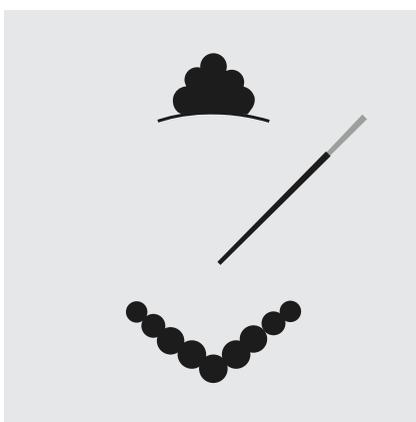
Era domingo, 24 de agosto de 2014, dentre tantas atividades de mulher, mãe, profissional, filha, irmã, amiga, professora e as demais roupagens que o ser feminino assume, decidi ler o jornal. “O eterno feminino” foi uma matéria banal da *Folha de São Paulo*, mas que me chamou a atenção. Falava-se da volta de Juliette Gréco aos palcos, uma francesa de 87 anos, cantora, sensual e filha de uma militante da Resistência Francesa, presa pela Gestapo, em 1943. Fiquei pensando o quanto o mundo mudou para as mulheres, ao menos no Ocidente, e o quanto essa senhora de 87 anos, no seu “mítico robe negro”, segundo o jornalista Claudio Leal, viveu como mulher.

Principalmente sendo francesa, proeminente e articulada, ela sabe o quanto influencia o *modus operandi* das outras mulheres, ou, ao menos, o quanto já influenciou. Não sou adepta a generalizações, elas podem me fazer muito mal, mas convenhamos que a moda francesa até hoje causa certas revoluções nos cada vez mais balançados alicerces da mulher tradicional.

Quando ela nasceu, em 1927, o Brasil ainda era fundamentalmente agrícola, as mulheres estavam parindo filhos e trabalhando em casa ou, no máximo, no campo. Poucas eram estudadas por aqui. Em Campinas, já havia o famoso Colégio Florence, feito para meninas, mas com a preocupação de ensinar os comportamentos sociais àquelas jovens. Tínhamos somente a primeira eleitora, que votou no Rio Grande do Norte, nesse fatídico ano de 27. Já na

França, em 1880, foi aprovada uma lei que criava e normatizava o ensino secundário público e feminino para as mulheres – *Loi Camille Sée*. No Brasil, o ensino secundário, tanto para homens quanto para mulheres, tornou-se lei, pela primeira vez, em 1931, constando no Decreto nº 19.890.

Hoje, não precisamos mais da famosa educação francesa para alcançarmos postos de trabalho, nem precisamos mais nos moldar a determinados comportamentos para sermos aceitas. O Brasil deu vários passos em favor da liberdade feminina, até mesmo inspirado em lutas internacionais, como as vindas da França, mas ainda vejo uma moda, tanto francesa quanto brasileira, de subvalorização. A mulher começar pela vestimenta. Pense nos calçados femininos e o quanto isso pode representar uma verdadeira tortura. Denise Fraga, atriz, escreveu sobre isso em uma coluna na revista Crescer. Ela diz que algumas empresas exigem um determinado tipo de vestimenta para a mulher, mais ligado ao sensual do corpo feminino do que ao seu intelecto e à capacidade de gestão, por exemplo. Apesar de Coco Chanel já ter produzido impactos significativos nas vestimentas e nos cortes de cabelo do mundo inteiro, como ainda me sinto muito apegada aos assuntos da maternidade, li, outro dia, em um livro de uma pedagoga francesa, que as mães francesas, embora não seja essa a imagem exportada, também sofrem com as chamadas “culpas da maternidade”. Já notaram como absolutamente tudo é culpa da mãe?



Desde Freud, esse discurso só se intensificou e tem se tornado desafiador. Outra questão comportamental e até cultural ainda me instigava naquele devaneio de domingo. Apesar de ganharmos várias lutas, muito longe de ser feminista, acredito mesmo que devemos caminhar para tempos de um feminino mais confortável do que foi para Juliette Gréco ou para as meninas do Colège Florence, aqui em Campinas. Mas isso não vem da noite para o dia, como um apagar (ou acender) de luzes, é um caminho que deve ser feito por nós. Mas talvez eu nem sequer precise pensar nisso tudo, não preciso necessariamente ter uma opinião sobre tudo.

Calhou ainda que, no meio das minhas atividades dominicais, meu marido me perguntou por que não uso mais salto. Disse a ele que é porque não é confortável. Foi então que, vendo o anúncio dessa revista, resolvi arriscar escrever sobre isso. Pensando bem, hoje tenho mais escolaridade do que qualquer homem na minha família e continuo pensando no jantar de casa, mesmo quando trabalho à noite, dando aulas. A leitura do jornal ocorreu durante a tarefa de esfregar meias no tanque, mas entendo que é um passo de cada vez. Mas, passos, para onde exatamente? Não sei dizer.

O último senso do IBGE, de 2010, mostra que, mesmo sendo as mulheres mais escolarizadas do que os homens, “o rendimento médio delas continua inferior ao deles (as mulheres ocupadas ganham em média 70,7% do que recebem os homens), situação

que se agrava quando ambos têm 12 anos ou mais de estudo (nesse caso, o rendimento delas é 58% do deles). As mulheres trabalham, em média, menos horas semanais (36,5) do que os homens (43,9), mas, em compensação, mesmo ocupadas fora de casa, ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos, dedicando, em média, 22 horas por semana a essas atividades contra 9,5 horas dos homens ocupados”.

Conquistas, mulheres, acho que sabemos o que é isso...

*Nous sommes faits l'un pour l'autre
Je saurais te rendre heureux
Si dans mes bras tu te vautres
Tu veux
Féline, je serai féline
Rraou avec toi, Monsieur
JULIETTE GRÉCO*

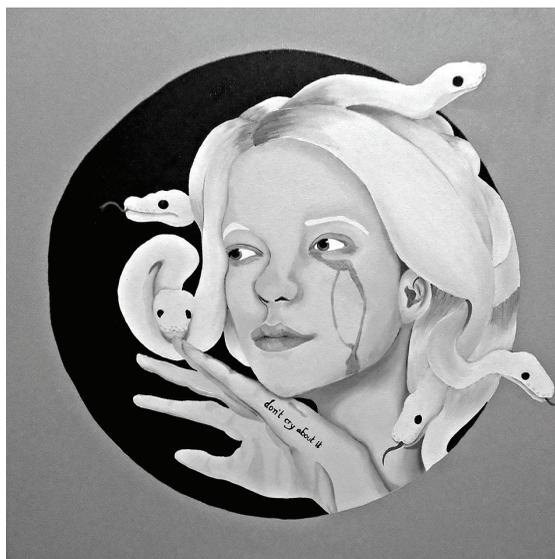


A GAROTA DO QUARTO 07

Vinícios Ramalho

De segunda-feira, morena como a escuridão da noite, ela saía para beber em bares de esquina, deixava o sorriso desabrochado e curtia com os amigos ao som de *Kings of Leon*. De terça-feira, loira como a luz que ilumina o sol do meio-dia, ela visitava a casa dos seus avós, jogava bingo com a terceira idade e organizava um belo piquenique sob o céu azul e iluminado. De quarta-feira, ruiva como a chama que incendeia o coração de cada adolescente, ela voltava à rotina noturna, perambulava em danceterias, bebia até ver estrelas e dormia em alguma sarjeta perto do posto de gasolina. De quinta-feira, com mechas verdes e azuis e com óculos de sol em formato de coração, ela vestia shorts curto todo rasgado, regatinha branca, colete jeans por cima, sandálias, e saía para tomar sorvete com as amigas e relembrar os acontecimentos da noite passada. De sexta-feira, com cabelo curto igual ao da década de 50, ela usava o seu melhor sorriso, torto e espontâneo, sentava sob os pés de uma árvore, colocava os fones de ouvido e, enquanto escutava *Shell Suite de Chad Valley*, rabiscava alguns sentimentos: amor, tristeza, felicidade, liberdade, entre outros que ela costumava sentir quando, ainda, era uma garota normal. De sábado, sem nenhum fio e nenhuma cor na cabeça, ela ficava deitada sobre a cama do quarto branco de número 07, fechava os olhos e pedia em suas orações que sua dor fosse amenizada. De domingo, desapercibida de qualquer fio de cabelo, ela pedia ajuda à enfermeira para se sentar em frente à janela, vislumbra a imagem do sol sendo abraçado pela lua, aguardava a noite chegar e, mais uma vez, sentia suas pálpebras pesadas, deixando-as cobrir sua visão. No entanto, desta vez, não era para pedir que a dor sumisse e, sim, sonhar com todas as garotas que um dia ela pensou em ser, mas que hoje não passam de ecos perdidos em sua mente.

“No dia 07 de Julho de 2007, a garota do quarto de número 07 foi embora. Não para outra cidade e nem para outra região, ela apenas se perdeu em seus próprios sonhos. E eu juro que, naquele instante, ela se viu morena como a escuridão da noite, loira como a luz que ilumina o sol do meio-dia, ruiva como a chama que incendeia o coração de cada adolescente... Os ecos, que antes eram perdidos, agora rimavam em sua mente.”



HELENAS

Sarab Maria

Afinal, eu queria saber sobre
os crimes, as penas
porque tantas mulheres vivem escravizadas
pelo amor dos filhos, maridos, palavras
Andréas, Maria, Cristinas e Helenas.
São quase sempre frágeis apaixonadas
pensam quase do mesmo jeito
fazem verso, tortos, doces baladas
sua servidão nem parece defeito
Às vezes, eu também penso assim
Se perfumam, se banham, escrevem
questionar nem sempre se atrevem
Às vezes, você também faz assim

sejam negras, brancas ou morenas.
Elas possuem um dom, poder absoluto
de servir em meio aos problemas,
de disfarçar um coração de luto
São Renatas, Laras, Luanas, Milenas
Carolinas, Barbarás, Joanas
São Julianas, Claras e Helenas.
E pagam seus crimes apenas,
pagam caro desde pequenas
Toda mulher está sozinha,
é um anjo descalço na rua,
batido, pisado numa cozinha
ou estampando numa revista nua...





ARRANHA-CÉU

Luiza S. A. Judice

Quando alcançou o arranha-céu se perguntou se aquilo, em questão de horas, minutos, segundos, poderia ter caído do lugar o qual ocupou por tanto tempo. A resposta talvez tivesse chegado mais rapidamente caso a memória não estivesse preenchida por tantos líquidos voláteis, mas não tardou a aparecer: permanecia no mesmo lugar de sempre, pelo menos dentro de sua cabeça, incapaz de derrubar figura tão bela – e ainda que conseguisse, ao menos a cena, sempre em câmera-mais-que-lenta, estaria ali, alta e congelada, impossível de ser tocada como qualquer lembrança boa, mas tão física quanto uma facada na palma da mão. Mas não doía. Em questão de dias, semanas, acreditou piamente na queda e na rápida ressurreição. Era um fato, ou pelo menos parecia, e a despencada brusca e inesperada foi vaga e confusa demais para que houvesse qualquer entendimento digno de mantê-la no chão, rastejante como si próprio. Mas em questão de dias, semanas, o que parecia mérito revelou-se nunca ter sido seu, e a ausência de mérito algum nunca foi tão satisfatória: descer não é cair – e nem tudo que cai é derrubado – e a gravidade, que nem sempre tem

vontade própria, teve mais que força de vontade.

O tempo que passa generosamente se encarregou de ir substituindo as lembranças engarrafadas e flutuantes por outras, igualmente conservadas com a mesma dedicação e reproduzidas incontáveis vezes durante as noites cinzas. Essa era a alegria do presente: poder escolher o que lembrar, e reconstituir linearmente e com beleza o passado tão recente, ainda que perdesse o sono.

As incontáveis facadas na mão começaram a doer quando imaginavam o futuro. Elas sangravam salgado. Alcançar o mérito era o fim que não tinha pressa nenhuma de chegar, mas que chega, ainda que lentamente – se tivermos sorte. Sorte: destino ou coincidência? As franhas manchadas de vermelho não se importavam, contanto que o fim doesse menos do que o que aprendeu a sentir daquela altura.

E foi assim, sofrendo ao respirar o ar tão rarefeito, que se deu conta de que a queda foi meramente ilusão. Quem subiu foi ela, sem precisar escalar e sem precisar sair do chão. E o sufoco não conseguia mais provocar nada menos que um sorriso.

ESSÊNCIA

Cristiano Martins de Oliveira

Por meio de ti o Verbo entre nós habitou.
Sublime nome, Maria.
Adjetivos infindos procurei.
Antologias folhee.

Simplesmente, mãe.
Rainha do lar, limite de essência.

Poderia tergiversar sobre suas qualidades.
Tudo ladainha.

Frágil e forte.
Flor e espinhos.
Rama nas plagas da vida.

Me é difícil dizer,
não as compreendo.
Uma palavra inventaria.
Desisto. Jogo tudo no lixo.

Procurei e não encontrei.
Palavras não a definem.
Mas defino tudo numa palavra.

Num estalo, como em espelho.
Não precisava encontrar.
Reencontrei.

Simplesmente bastava dizer-te:
MULHER.

AOS 10 ANOS FUI APAIXONADO POR UMA PUTA

Gustavo Boldrini

Quando era mais novo, eu cafetinava com meu pai. Ele me levava para panfletar nas ruas, a fim de promover o seu puteiro, e me levava para buscar putas em outros estabelecimentos. Tudo isso no tempo que ele tinha um puteiro. Este é um ambiente para se criar uma criança? Não sei, só sei que hoje sou apaixonado por mulheres e não as trato como objeto, e, a partir dessa premissa, tire as suas conclusões.

Um dia, fui levado com ele para mais uma busca às putas, trazer putas de um puteiro que elas se sentiam mal para um com melhores condições. Nesse dia, conheci aquela que fui apaixonado por um tempo. Meu primeiro amor foi uma puta, foi a primeira mulher que me tratou bem e que não era minha mãe. Foi o momento que descobri as belezas de uma perna feminina e o momento que descobri algo maior. Entrei na antiga caminhonete do meu pai e observei que não havia restado um lugar para mim, havia, somente, um pequeno espaço entre as pernas daquelas mulheres e minha infância. Naquele momento, eu a vi. Ela foi a primeira mulher que me tratou bem. Apertou-me a mão de modo impessoal, como uma promessa de que cuidaria de mim durante um minuto. Ali ficou, e o descuido de uma criança ao se apaixonar por aquilo que não se conhecia aconteceu, um chocolate e uma vida ficaram ali. Sempre que a encontrava sentia algo diferente, não era a redundância de uma amizade, era a sensação de querer algo maior, a sina da busca pelo Santo Graal, o grande ganha pão. Anos se passaram e, aos 23 anos, ainda lembro-me da minha primeira paixão: uma mulher que vivia de se

satisfazer ou a dureza que vivia a levou aquilo. Sei que ela deixou algo muito mais profundo, que se exauriu durante o tempo, e, hoje, queima como uma chama eterna. Ali ficou meu primeiro amor, e aqui ficou o primeiro conhecimento de algo que espero levar para o todo tempo, algo que espero que seja eterno. O amor breve e não duradouro pode não representar nada momentaneamente, mas fica.



SINFONIA CINZA

Rafael Censon

Seus passos esparsos avançam sobre mim
com silêncios de lince. E nos espaços de nosso
chão desabrigado, a hemorragia de luz
clareia o catre deste canto no mesmo quê
de dor e espanto daquela hora em que a velha veste
a morte devora: A passiflora da comunhão do beijo
e da espera.

Éramos duas solidões se amparando?
Éramos dois abismos se entretendo?
Maldita terra gasta que me oferece a Taça gemendo
“Que posso eu? Se Deus burila o barro em barrancos?”

Contudo, basta; que a cornucópia está posta.
Hoje, é glória, meu coração. Não;
não lamenta a meia-ilusão da morte
nem logra a sorte de um não à despedida.
A anulação dessa argila insubmissa é invenção
do homem: espasmos e prantos nas periferias
do susto.

Guarda e passa esses reparos que a vida resgata.
Repara como do golpe do machado lapidador
lacrima perfume o sândalo. E dessas lágrimas
de olor pode morrer o broto, mas nasce a flor.

REENCONTRO

Alexandre Magalhães



Destes simples versos,
Tão curtos quanto o que vivemos,
Não espero nada
Além de apenas dizer o que sinto.

Que sejam simples,
Da forma como nunca fomos.
Que cada dor encontre sua redenção,
Em sonhos.

Cada riso é uma dor,
Desperta com a lembrança de um tempo passado.
A memória,
Prova única de que um dia estivemos juntos.

Nada mais restou, senão a lembrança.
E a certeza
De que, mesmo com o perdão em mãos,
Não veio ainda a paz tão ansiada.

Teu espírito liberto segue,
Para um dia voltar,
E o meu espera a tua volta,
Que talvez nunca chegue.

Se um dia chegar,
Que esteja eu pronto para receber-te,
Com os braços abertos
E livre de receios.

E se não chegar,
Que trate o tempo de me obliterar
Toda dor, não lembrança,

Que carregue o teu nome.

QUE HAJA SOM

Marina Beato Zanaki

Desde criança, Norma ouvia sons antes de dormir. Móveis se arrastando pelo quarto, sussurros indecifráveis, monólogos, diálogos, brigas, animais, músicas, gritos, risadas. A infinidade de sons era surpreendente. No início, ela achava isso tudo normal. Era simplesmente uma coisa que ela ouvia desde sempre, e sempre deveria ter estado ali. Quando atingiu os nove anos, começou a se questionar sobre o motivo de nunca ouvir nenhum comentário sobre as interessantes movimentações noturnas. Uma vez ou outra puxou assunto com sua mãe sobre os sons, mas esta demonstrou total desconhecimento. Norma ficou, então, intrigada, mas nada que realmente a preocupasse. Os sons continuavam, e ela acabava dormindo distraída por eles, então tudo bem.

Foi no início da adolescência que a coisa começou a incomodá-la. Ao dormir pela primeira vez na casa de uma amiga, estranhou o silêncio absoluto na hora do repouso. Desacostumada que estava, não conseguiu sequer cochilar. Comentou com a amiga que estava habituada a dormir com sons, e esta respondeu:

- Minha tia tem esse azar também, os vizinhos dela são muito barulhentos.

A verdade é que a questão da origem dos sons simplesmente nunca lhe ocorrera. Sentiu-se uma tola por nunca ter pensado no assunto. Mesmo assim, passou

a noite desconsolada, à espera de algum som que quebrasse o angustiante embalar do relógio e da respiração da amiga.

Na noite seguinte, já em sua casa, entendeu por que a ideia dos vizinhos não lhe ocorrera antes: os sons não eram abafados por qualquer espécie de parede. Eles chegavam até seus ouvidos de maneira nítida, clara, próxima. Foi, então, que percebeu, com assombro, que toda a movimentação sonora ocorria ali, dentro do quarto, ou, então, mais ali dentro ainda – dentro da cabeça. Dessa noite em diante, Norma decidiu acender a luz do quarto e terminar de uma vez com a dúvida. A coragem de tocar o interruptor, porém, sempre a fazia vacilar. O temor de ver algo em seu quarto, que a fizesse chorar de terror, não era nada comparado ao problema que seria se não encontrasse nada.

Assim, dividida entre o medo do sobrenatural e da loucura, Norma dormia todas as noites. Além dos sons, era acompanhada pelo temor.

Disposta a pôr fim em sua dúvida, Norma convidou a namorada, Aline, para dormir em seu quarto. A companheira não ouviu nenhum som. Norma também não. Aline dormiu como um anjo. Norma não conseguiu fechar os olhos – era a primeira vez, em 21 anos, que estava tudo silencioso em seu quarto.

Quando completou 23 anos, Norma decidiu sair de casa. Iria morar sozinha, em um apartamento na cidade vizinha, onde trabalhava. Uma semana após a mudança, e depois muita olheira acumulada, voltou para seu quarto: não conseguira dormir nem por um segundo no silencioso e deprimente quarto que mobiliara.

Até hoje, Norma não sai mais de casa. Casou-se e combinou com a esposa o respeito à liberdade individual, o que inclui cada uma dormir em um quarto. Assim, Norma prossegue, dormindo tranquilamente apenas depois de ouvir seus sons. Ela não sente medo ou curiosidade. Só não quer acender a luz.



O escultor de flores imaculadas

Saulo Silva

O perfume que exala, em forma de mel, de teu ventre sagrado, é a mais cândida prova da existência de Deus, ô feminina celestial!

Anestesiado, apenas sei que seu odor sofisticado alimenta minhas narinas masculinas.

Doces fragrâncias de mel pingam e hipnotizam, momentaneamente, meus sentidos mais racionais.

Por fim, o aroma de teu seio alimenta minha alma, antes tão velha e perdida, contudo, cansada da servidão patriarcal.

Sem sentido, em paulatino estado inoperante, sou seduzido a dizer que você é a única obra de arte, esculpida pelas mãos esmeras de Deus, que jamais irá chegar ao ponto de ser mortal.

MULHERES

MULHERES

MULHERES

Allan Sacheto

Mulheres são irmãs briguentas
Paixonites durante adolescência
São primas loucas e barulhentas
E a descoberta de sua inocência.

São mães carinhosas e protetoras
São tias malvadas e boazinhas
São tantas coisas que nem lembro
Passeando em minha própria ironia.

São avós fanáticas e rabugentas
São o elo com a calma e a tormenta
São amigas únicas, as melhores
Apenas aquilo que realmente importa.

Bons sentimentos como amizade e amor
Mas, se merecemos, são ódio e rancor

São a esperança de um mundo melhor
Dedicando-se a sua prole e ao redor

São o motivo do meu coração bater
E da minha lúcida mente enlouquecer
São o porquê de minha voz se conter
E, de uma hora à outra, me enaltecer.

Como a Lua, mudam de fase de repente
São fortes, decididas e atraentes
Mas nada acontece, e, em um ímpeto,
Tornam-se frágeis, delicadas e carentes

São o motivo de tantas noites em claro
Alguns casos, de bebidas e cigarros
O motivo de tantos poemas escritos
Entre abraços, soluços e gemidos.

O SER MULHER

Caroline Carvalho

Sou,	Sei,	Choro,	Sinto?
Sinto,	Sofro,	Quero,	Soul!
Choro,	Saro,	Quero?	Sou?
Morro,	Sangro	Sol!	Simples.
Soul.	Sinto.		Mentem.

Windowpane

Jonas Oliveira

I can not tell you what it really is. I can only tell you what it feels like and right now it feels like a steel knife is in my heart. I am speechless. I can not breathe or move, but I still fight while I can struggle as long as the wrong feels right. It is like I am drinking poison and I love it. And right before I am about to drown, she resuscitates me. She really hates me and I really love her. Where is she going? "I am leaving you", she answered. "No, you are not, come back!". So we ran right back. Here we go again. When something is going well, it can go greater. When it is bad, it can be awful. Have you ever loved somebody so much that you could barely breathe when you were with her? Have you had that warm feeling and those chills? But now we are looking to each other's face, spewing poison and those words. So both of us said it was better to take different ways. Then we did it. That happened yesterday and yesterday is over. Today is a different day, but everything seems the same, like broken records playing over and over. It is like a non-stopping parade of empty and broken hearts. Now I have to watch her leave out the window. I think that is why it is called windowpane.

